

## RESENHA

**Resenha crítica do conto “Segunda-feira de carnaval”, de Nágila Oliveira dos Santos (publicado na coletânea *Dias de sol são assim...*, Editora Revista África e Africanidades)**

Por **Júlia Tavares**<sup>1</sup>



O conto “**Segunda-feira de carnaval**”, de Nágila Oliveira dos Santos, é uma narrativa de reencontro, liberdade e reparação tardia, tecida com a sensibilidade de quem compreende o tempo não apenas como cronologia, mas como território de afetos e recomeços. Ambientado no Rio de Janeiro, entre Madureira, Paquetá e a Baía de Guanabara, o texto constrói uma ponte entre passado e presente para narrar a travessia emocional de Ceição, uma mulher idosa que, após décadas de repressão e silenciamento, reencontra no carnaval e no amor a possibilidade de reviver a si mesma.

A autora faz do cotidiano feminino envelhecido — com suas dores físicas, memórias reprimidas e desejos guardados — o centro de uma trama que desafia estereótipos sobre velhice, sexualidade e amor. Ceição não é uma caricatura da “idosa resignada”, mas uma mulher que ousa retomar o fio interrompido de sua própria história. Ao lado de Maria Rosa, personagem que funciona como mediadora entre o passado e o presente, ela revive o amor perdido por Pedro, interdito há quarenta anos pela moral patriarcal.

O cenário da Baía de Guanabara é, ao mesmo tempo, metáfora e espaço real da travessia: Ceição atravessa o mar, mas também atravessa o tempo. A barca, recorrente na literatura carioca, aqui simboliza o rito de passagem entre o luto e o renascimento, entre a submissão e a autonomia, entre a Ceição oprimida e a Ceição livre. O carnaval, por sua vez, cumpre um papel simbólico de

<sup>1</sup> Mestra em Educação e Docente da SEEDUC RJ.

reencantamento da vida, um tempo sagrado em que as máscaras caem e o desejo pode ser afirmado sem culpa.

O conto se destaca pelo equilíbrio entre lirismo e realismo social. A autora reconstrói a atmosfera do Rio de Janeiro com precisão: a barca lotada, o cheiro do mar, as conversas nas filas de posto de saúde, o som distante dos blocos de rua. Esses elementos compõem um pano de fundo que aproxima o leitor da experiência concreta de Ceição, ao mesmo tempo em que revelam o olhar crítico da escritora sobre as desigualdades, o machismo e o envelhecimento feminino.

Há também um diálogo intergeracional e intertemporal que percorre toda a narrativa. As referências à juventude de Ceição, ao patriarcado da década de 1970 e às transformações do presente — como o uso de WhatsApp, o ponto eletrônico dos funcionários públicos e as clínicas da família — revelam a capacidade da autora de inserir a memória no tempo histórico sem perder o tom afetivo e poético.

A escolha de inserir elementos da religiosidade afro-brasileira, como a evocação de Iemanjá e Ogum, amplia o horizonte simbólico do conto, trazendo para o centro da narrativa uma cosmovisão negra que celebra a força, o corpo e o renascimento. A travessia de Ceição sobre as águas de Iemanjá, culminando no encontro com Pedro, é também uma metáfora de axé e ancestralidade, em que a mulher negra se reconcilia com sua história e com o direito ao prazer.

Com sutileza e humor, o conto termina em tom de celebração e ternura: Pedro, aos 68 anos, a espera com sua fantasia e um preservativo no bolso — gesto simbólico que desestabiliza tabus sobre o desejo na terceira idade e transforma o reencontro em afirmação de vitalidade e dignidade.

Em síntese, “Segunda-feira de carnaval” é uma narrativa madura, afetiva e politicamente potente. Nágila Oliveira dos Santos constrói, com leveza e profundidade, um texto que celebra o reencontro do corpo e da memória como ato de resistência. Ceição, ao atravessar a Guanabara, atravessa também os interditos de gênero, idade e tempo — tornando-se símbolo de uma mulher que, enfim, se autoriza a dançar novamente no ritmo do próprio coração.